

Metáforas do Socialismo: A Mãe, de Górkí

Maurício Silva¹

(Universidade 9 de julho)

RESUMO

Este artigo analisa o romance *A Mãe*, de Máximo Gorki, destacando aspectos relacionados à ideologia socialista, em especial o potencial revolucionário do romance.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura russa, Gorki, revolução, socialismo

ABSTRACT

The present article analyses the relations between the main Gorki's novel, *The Mother*, and the socialist ideology, and points out its revolutionary potential.

KEY WORDS

Russian literature, Gorki, revolution, socialism

A passagem do século XIX para o século XX não revelou apenas uma literatura de expressão decadente e de natureza pessimista, mas fez conhecer também os embriões de uma tendência literária flagrantemente política, que ao mesmo tempo apontava para uma supervalorização do real e defendia um posicionamento ideológico diante do mundo. Na antiga União Soviética, essa tendência encontraria um campo verdadeiramente fértil com a prevalência - a partir da década de vinte e oficialmente a partir de 1934 - do chamado Realismo

¹ Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo; Professor da Universidade Nove de Julho (São Paulo). São Paulo. Email: maurisol@gmail.com (Lattes:

Socialista. A politização da arte, a resistência militante e a práxis política passam, a partir de então, a ditar - de maneira inegavelmente despótica - os parâmetros estéticos que deveriam ser seguidos pela literatura, em particular, e por todas as manifestações artísticas, em geral.

Independente do caráter excessivamente ideológico que o Realismo Socialista adquiriu como tendência artística, é inegável que tenha legado à arte literária obras de raro valor expressivo, a que somente uma crítica obtusa e tendenciosa poderia negar algum valor. Assim, dentre os inúmeros representantes desta tendência, Máximo Górkí (1868-1936) se destaca como o principal autor do Realismo Socialista, não apenas por sua atuação incansável em defesa dos princípios nos quais acreditava, mas principalmente por transportar para o âmbito da arte, se não todos, pelo menos a maior parte desses mesmos princípios: criou assim uma extensa obra, voltada para a afirmação de sua crença ideológica, e já em 1907 publicaria – na condição de líder da literatura revolucionária (STRUVE, 1946) – uma de suas obras mais importantes, cuja ligação com um realismo de cunho socialista, ainda vindouro, é indiscutível: *A Mãe*.

Escrito numa época de grande efervescência política, logo após o malogrado movimento revolucionário popular de 1905/1907, esse romance foi consagrado como um dos principais representantes das vozes oprimidas por um regime monárquico de características fundamentalmente absolutistas e feudais. Portanto, uma obra que já sinalizava para as transformações políticas por que passaria a União Soviética pós-Revolução de 1917.

Buscando ser uma autêntica epopéia socialista, trata-se ainda de uma obra de inquestionável sentimento humanitário, resultante de seu franco engajamento político. Neste sentido, compreende-se que o Realismo Socialista de Górkí - como, de resto, de todas as demais obras que assim possam ser classificadas - não é absolutamente ingênuo. Ao contrário, possui uma intenção bastante clara, que pode ser resumida na tendência - de certa forma maniqueísta, mas certamente bem-intencionada - de revelar a opressão promovida pelas classes mais abastadas e poderosas da sociedade contra o operariado. Desse modo, pode-se

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4728266D5>)

afirmar que, desde o início, manifesta-se em seu romance uma verdadeira tendência à defesa da classe operária, o que sugere a existência, nesse seu romance, de uma autêntica *questão operária*, tendência que foge ao mero panfletarismo político-ideológico, sobretudo pelas características mais propriamente estilísticas que sua obra indubitavelmente possui.

A começar pela caracterização psicológica do operário, passando pela descrição francamente grotesca de seu *locus vivendi*, a visão de mundo que Górkí nos apresenta é singularmente realista: todo um conjunto amorfo de homens semi-mortos, escravizados por um sistema corrupto e corruptor, bestializados pelas próprias condições de vida a que são submetidos.

Sobressai, assim, a narrativa expressionista, recurso estético colocado deliberadamente a serviço de um singular hiper-realismo, cuja finalidade moralizante mistura-se a uma patética manifestação do grotesco:

"a fábrica, negra de fuligem, esparramava-se qual gigantesca aranha de um vermelho escuro, com suas chaminés apontando para o céu. Coladas a ela, viam-se as pequenas casas dos operários. Escuras e acanhadas, elas amontoavam-se irregularmente, à beira do pântano, olhando tristes umas para as outras, com suas janelas pequenas e embaçadas". (GÓRKI, s.d., p. 162)

Não é apenas o universo caótico e extravagantemente grotesco que se pode presenciar nessa e em várias outras passagens do romance, mas também todo um deliberado exagero figurativo, de tocante plasticidade, toda uma velada militância ideológica e o apelo à comoção generalizada. Tais recursos – alguns próprios na narração expressionista, como sugerimos – parecem carregar uma flagrante intenção de revelar ao leitor a verdadeira desumanidade por que se caracteriza a existência do operariado ali representado. Neste sentido, ainda que se discorde da ideologia a favor da qual trabalha o livro de Górkí, não há como negar a profunda natureza humanitária que ele contém, já que, antes de tudo, é a despersonalização do operariado que o autor procura revelar nas páginas de seu romance, enfatizando todo o processo de reificação a que ele estava indistintamente sujeito. E tal fato não diz respeito apenas à "massa

despersonalizada de operários", (GÓRKI, s.d., p. 7) mas também aos próprios membros da guarda a serviço do poder constituído, os quais, na opinião do autor, não passavam de instrumentos da repressão, "simples martelos para reprimir e esmagar as pessoas". (GÓRKI, s.d., p. 9)

A uma desumanização que facilmente pode ser vista como autêntica anti-vida deve equivaler um anti-homem: essa parece ser a mensagem subjacente aos fatos mais marcantes do romance. Certamente, não se pode falar numa reificação completa, a ponto mesmo de não existir qualquer manifestação de vontade puramente humana, o que comprometeria uma das possíveis intenções práticas da obra: insuflar nos homens o grito de rebeldia que leva à revolução. Mas, de qualquer maneira, é efetivamente a anulação do ser humano, a idéia preponderante do livro. Sem se aproximar nem de um George Orwell, que leva ao paroxismo a supressão da vontade humana, em *1984*; nem de um William Faulkner, cujo exacerbado pessimismo vê na vitória humana apenas uma ilusão, em *O Som e a Fúria*, o livro de Górkki deixa que se digladiem livremente forças de natureza ao mesmo tempo humanas e contrárias: o extremo otimismo dos revolucionários e o profundo pessimismo do operariado, o voluntarismo de uns e a subalternidade de outros, o desejo manifesto de mundança e a calculada reação a tudo o que possa significar transformação.

Ora, se em toda essa complexidade de reações diante de uma realidade dada verifica-se um fluxo natural da vontade humana - ainda que, vez por outra, tal vontade pareça excessivamente derrotista -, não há porque considerar o conjunto da produção gorkiana, como querem alguns, unidirecionada e, por isso mesmo, pouco original; (SCHOSTAKOVSKY, 1945) nem podemos avaliar seu aparente derrotismo como mera manifestação expressiva de uma incoseqüente tendência pessimista. (MIRSKY, 1989)

Retornando à questão do operariado, por exemplo, cumpre observar que a classe operária é vista como um verdadeiro conjunto, num dos raros momentos em que um autor conseguiu fazer, de um determinado grupo humano, uma personagem, embora, como afirmamos há pouco, a personagem típica também encontra seu lugar na obra de Górkki. Assim, o operariado é tomado como classe

social, mas uma classe unificada antes pelo medo do que pela consciência da opressão de que são vítimas. Emerge assim, do romance de Górkki, além da já citada questão operária, uma verdadeira *questão de classe*, a qual é marcada por um indelével embate entre duas representações sociais opostas.

Com efeito, procurando trazer à tona o processo de luta de classes que encontra ressonância na realidade histórica da época, o autor discorre não apenas sobre a disputa entre duas classes divergentes (o operariado e a oligarquia), mas principalmente sobre as contradições contidas no interior da própria classe operária, unidos apenas pela degradante miséria que subjuga cada componente do grupo.

Dessa maneira, poder-se-ia dizer que é a própria miséria a principal responsável pela consciência de classe dos grupos sociais subalternos: o *povo*, apesar de suas inúmeras divergências, reconhece-se e é reconhecido como classe social distinta, na medida exata em que seus membros estão sujeitos a uma mesma e sistemática injustiça social:

"um montinho de imbecis defendendo seu domínio agonizante sobre o povo, bate, espanca, estrangula e esmaga a todos. A selvageria cresce, a crueldade torna-se a lei da vida, imagine! Uns batem e se enfurecem impunemente, doentes pela ânsia voluptuosa de torturar: a doença repugnante dos escravos que gozam do direito de manifestar seus instintos baixos e hábitos bestiais em toda a sua plenitude. Outros envenenam-se pelo desejo de vingança; os terceiros, esquecidos e abandonados, tornam-se mudos e cegos. É assim que pervertem um povo, o povo todo!". (GÓRKI, s.d., p. 258)

Da junção do que aqui chamamos de questão operária e questão de classe, nasce uma terceira variante: a *questão do socialismo*. De fato, o socialismo é visto por algumas personagens da história como a verdadeira causa em torno da qual todos devem lutar. A *verdade histórica* - aqui entendida como limite de toda ação humana, mas também como elemento mediador dessa ação - ocupa, portanto, um lugar de destaque no romance: praticamente tudo é feito em função da busca do socialismo, considerado, no contexto do romance, a verdade-maior por meio da qual Rável atrai sua mãe à causa operária; Nílovna passa a dedicar sua vida ao

trabalho iniciado pelo filho; e todos os trabalhadores "conscientes" lutam pela melhoria das condições de vida e pela vitória revolucionária. Daí também talvez o lado mais perverso da ideologia propagada: a impossibilidade do socialismo ser minimamente questionado, uma vez que se estabeleceu definitivamente como referência única e inalienável.

Essa devoção incondicional à causa socialista pode ser observada em cada um das personagens, em cada palavra que pronunciam, em cada gesto que completam. Melhor detectável nas figuras centrais do romance, tal devoção ao socialismo parece atingir seu auge no instante em que, questionado por Pável sobre sua fidelidade ao regime, Andrei afirma que, pela causa socialista, seria capaz de matar o próprio filho. Não se pode negar, neste sentido, que em toda essa veneração por um determinado regime político, emergem elementos de natureza nitidamente religiosa, presentes tanto no sentido de abnegação completa que ele pressupõe, quanto na obsessiva evocação da figura divina por Nílovna. De fato, se analisarmos mais detidamente as palavras de Andrei, perceberemos todo o sentido da sua religiosa abnegação:

"ao longo do caminho, vez por outra somos obrigados a ir contra nós mesmos. É preciso saber entregar tudo, todo o coração. Dar a vida, morrer pela causa; isso é simples! Entregue mais: aquilo que lhe é mais caro na vida, entregue". (GÓRKI, s.d., p. 119)

Tamanha renúncia em favor de uma causa só encontra paralelo no episódio bíblico de Abraão que, solicitado por Deus a provar sua devoção, dispõe-se a entregar-lhe o que de mais caro possui - seu próprio filho. O misticismo presente nesta passagem estende-se por todo o livro, como se pode perceber no episódio em que Andrei revela acurado sentido de uma prédica cristã: "sei que tempo virá em que os homens amarão uns aos outros, em que cada qual será uma estrela para o outro!". (GÓRKI, s.d., p. 119)

Essa face mística do socialismo, que não dispensa o profundo sentimento missionário dos antigos apóstolos, nem a crença no nascimento de um novo Deus, é magistralmente revelada por Górkí ao longo de todo seu romance.

Figura igualmente mística, no romance, é ainda a figura materna. Aragon

afirma, num de seus escritos, que

"dans les histoires de Gorki, il y a beaucoup de mères, et peut-être de rien n'y est-il parlé avec plus de profondeur, de justesse, que de ce qui lie une mère à son fils, même quand tout semble les séparer, les opposer". (ARAGON, 1955, p. 250)

De fato, o valor simbólico que guarda a figura da mãe nesta obra de Górkí serve, com excepcional conveniência e precisão, às intenções ideológicas do autor: as idéias de segurança e abrigo, de ternura e sustento, de gestação e harmonia, relacionadas simbolicamente a essa figura, (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1973) são exatamente as mesmas que, ao longo de sua história, Górkí procura dar à causa socialista. Por esse motivo, não nos parece grande ousadia defender a tese de que, para o autor russo, a verdadeira *mãe* que se procura revelar nas páginas do romance - e que se esconde por trás da personagem de Nílovna - não é senão a própria causa socialista.

O socialismo, para Górkí, é sem dúvida uma espécie de mãe de todos os homens. Nesse sentido, a ideologia socialista assume, ao mesmo tempo, o papel de condutor e castrador dos seres-humanos: condutor, porque se auto-elege como a única verdade possível, como única direção a ser tomada; castrador, porque limita qualquer ação individual. Desse modo, a relação direta entre a figura materna e a ideologia socialista persiste no decorrer de todo o romance: "somos todos filhos da mesma mãe, a idéia invicta da fraternidade do proletariado de todos os países da Terra". (GÓRKI, s.d., p. 33)

Não bastasse essa afirmação contundente, deparamo-nos, a determinada altura da história, com estas sintomáticas palavras dirigidas aos proletários revolucionários pela própria Nílovna: "vocês são meus companheiros, meus queridos, todos, filhos todos da mesma mãe: a verdade!". (GÓRKI, s.d., p. 317)

Pairando, firme e absoluta, sobre a totalidade dos homens, a figura da mãe finda seu papel subitamente, deixando no ar, a um só tempo, uma necessidade de reconforto aos homens, espaço que será substituído por um regime vindouro e uma interrogação: afinal de contas, a *mãe* morreu ou foi apenas temporariamente suprida da convivência de seus companheiros/filhos por meio da prisão?

A resposta viria poucos anos depois com o advento da Revolução Socialista de 1917, não apenas aclamando a vitória do operariado sobre uma oligarquia arcaica e falida, mas também consagrando o romance de Górkí como o principal épico do Realismo Socialista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGON, Louis. *Littératures Soviétiques*. Paris, Denoël, 1955.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dictionnaire des Symboles*. Paris, Seghers, 1973.

GÓRKI, Maksim. *A Mãe*. Trad. de Shura Victoronovna, São Paulo, Círculo do Livro, s.d.

MIRSKY, D. S. *Uncollected Writings on Russian Literature*. Berkeley, Berk Slavia, 1989.

SCHOSTAKOVSKY, Pablo. *História de la Literatura Rusa. Desde los Origenes hasta Nuestros Días*. Buenos Aires, Losada, 1945.

STRUVE, Gleb. *Histoire de la Littérature Soviétique*. Paris, Éditions du Chêne, 1946.